Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

(EDIÇÃO ESPECIAL DA LIVRARIA GOMES)

N.º 23 | Domingo 4 de junho | 1893

M. PINHEIRO CHAGAS

A sociedade portugueza d'este ultimo quartel do seculo, o sr. Pinheiro Chagas representa uma das mais interessantes e notaveis individualidades que á critica é dado apreciar e estudar. Se ha talento entre nós difficil de ser bem explicado e comprehendido, e tambem de ser seguido em todas as suas variadissimas manifestações, — é com certeza o seu.

Para fazer uma completa e justa analyse do que tem sido este espirito, para formar uma ideia precisa e conscienciosa da sua obra, seria indispensavel passar mezes e mezes na leitura de dezenas de livros e de brochuras, seria necessario folhear milhares de jornaes e de revistas de Portugal assim como do Brazil, percorrer annaes de academias, pesadas collecções de diarios das camaras... que sei eu! — seria preciso o trabalho paciente e aturado d'um verdadeiro benedictino, para se adquirir a noção exacta do que tem sido e do que tem feito este grande e illustre trabalhador.

Para o mundo litterario surgiu poeta, filiando-se n'esse transitorio e sereno romantismo a que tambem pertence o sr. Thomaz Ribeiro, escola que appareceu quando entravam no seu occaso os grandes astros que se chamaram Lamartine e Musset, escola que procurava agarrar-se a um passado que lhe fugia, por não poder ou não querer commungar no credo dos poetas chamados «revolucionarios» — inspirando-se uns, n'aquelle Victor Hugo que fez muitas vezes do verso um pamphleto, e para quem a Poesia foi por muito tempo synonymo de Republica (!) — outros em Baudelaire, vendo o Mundo e a Vida atravez do seu *spleen* e do seu doentio e desequilibrado pessimismo. Dizia assim o cantor das *Flôres do mal:*

> Je suis comme le roi d'un pays pluvieux
> Riche, mais impuissant, jeune et pourtant très-vieux!...

D'essa poesia meio romantica — simples mas sinceros arrebatamentos d'um espirito moço, sonhando apenas com o Amor e a Liberdade — passou para o jornalismo, onde durante uma longa e brilhante carreira o sr. Pinheiro Chagas tem affirmado e sustentado, sempre com crescente virtuosidade, a mais bella feição do seu prodigioso talento.

O jornal é o seu campo de acção e de combate, de todos os dias, de todas as horas; é o seu reducto, é a sua fortaleza. Mas o curioso espirito d'este homem de lettras é que não é de molde a circumscrever-se a uma fórma exclusiva. Outros generos litterarios o attraem e o seduzem. Precisa navegar em todos os mares, beber em todas as fontes, morder em todos os fructos. E por isso tem cultivado tambem o romance, o drama, a historia, o livro de viagens, em differentes epocas, e com differentes intervallos, — mas voltando sempre e nunca abandonando o jornalismo, porque é esta a grande força da sua primorosa e poderosa palavra escripta.

Como politico e como litterato, o sr. Pinheiro Chagas surgiu n'um periodo de cruel transição para um homem que queria, como elle, lançar-se abertamente na lucta. O *liberalismo* havia feito a sua epocha; o *romantismo* lamartiniano tambem. Em 1860 escrevia M. Guizot: — «O nosso tempo tem sido e é ainda um tempo de

immensas esperanças e de decepções immensas. Desde 1789, já são tres as gerações que passam, promettendo ás sociedades humanas uma somma de liberdade, de prosperidade, de facilidades e de felicidade na vida, infinitamente superior ao que jámais os homens possuiram.» Era um mundo novo o que o *liberalismo* pretendia offerecer aos homens, assentando exclusivamente n'estas duas ingenuas abstracções: Liberdade e Egualdade.

Essa politica puramente abstracta e sentimental agonisava pois em toda a Europa constitucional, tendo que ceder o logar á politica experimental e pratica das chamadas «questões sociaes»; — e a litteratura romantica tinha ao mesmo tempo que ceder o logar á litteratura da observação e da analyse, cultivada pelos *realistas* a começar em Flaubert, e que annunciavam a sua filiação em Sthendal e em Balzac. O sr. Pinheiro Chagas apparecendo para as lettras e para a politica nas alturas de 1860, e deixando-se seduzir pelas ultimas manifestações d'uma geração politico-litteraria que se achava no seu occaso, tinha de ficar quasi isolado no meio das novas gerações, como sendo o representante d'um mundo que pouco a pouco amortecia, — um dos ultimos abencerragens do *liberalismo* e do *romantismo* agonisantes. Ter-lhe-ia sido facil passar para as novas seitas e novas escolas. O seu talento desabrochava então. Não o fez porém; e isto é um valioso testemunho de que o seu caracter tambem eguala o seu talento. Quiz sustentar hasteada a bandeira furada pelas balas inimigas, mas que era imagem de passadas e gloriosas victorias.... E conservou-a erguida com uma coragem e um vigor excepcionaes, luctando peito a peito, elle só, sempre na brecha, contra os troços da gente nova que chegava, disputando ferozmente o terreno. As suas campanhas litterarias lembram, pela firmeza, pela coragem, pela audacia no ataque, as luctas sustentadas na *Revue des Deux Mondes* pelo eminente critico sr. Ferdinand Brunetière, contra a onda dos sectarios de Flaubert, de Zola e dos irmãos de Goncourt.

A actual geração póde não estar na «corda litteraria» do sr. Pinheiro Chagas, póde não admittir, nem comprehender, nem cultivar a Litteratura e a Arte, como elle as comprehende e as sente; — mas o que não póde deixar de ter é o maximo respeito pelo homem de lettras e a maxima consideração pelo seu talento de escriptor.

Como dramaturgo, o sr. Pinheiro Chagas fez a sua educação na escola de Dumas pae, de George Sand, de Alfred de Musset e de Octave Feuillet. Principalmente na escola d'este ultimo, porque a *Morgadinha de Valflôr* e a *Magdalena* são dramas que a critica tem de collocar ao lado do *Roman d'un jeune homme pauvre* e de *Dalila*, — e onde o sr. Pinheiro Chagas mostrou faculdades de dramaturgo, habilidades de construcção e emoção theatraes que raros, rarissimos auctores até, puderam depois, já não digo ultrapassar, mas ao menos egualar...

Bem sei que a actual geração, educada nas peças de analyse, nas comedias de observação fria e reflectida, já não comprehende nem sente os grandes vôos romanticos da *Morgadinha* e da *Magdalena*. Mas o que prova semelhante facto? Que esses dois dramas são maus? .. Não, decerto. Prova unicamente que o publico de 93 já não sente como o publico de ha trinta annos; que já não ama e não vive como nos tempos do puro romantismo á Feuillet; que a sua sensibilidade se modificou, se transformou; e para o fazer vibrar e apaixonar são necessarios outros processos. Por acaso estamos hoje em condições de nos enthusiasmarmos com as tragedias de Racine ou com as comedias de Calderon?... E deixaram por esse facto de ser consideradas obras-primas?...

Como dramaturgo, o sr. Pinheiro Chagas marca em Portugal a transição do ultra-romantismo de Garrett para as peças modernas, ditas «de salão». Essa transição é principalmente assignalada por uma comedia n'um acto que é uma obra-prima no genero, e que tem por titulo *Roca d'Hercules*.

Como historiador, a sua obra, pelas necessidades e exigencias do excessivo trabalho quotidiano do auctor, nem pode ser considerada uma obra de investigação e de critica como a de Herculano, nem uma obra de pintura historica e social á maneira dos inglezes e especialmente de Macaulay, como é a obra do sr. Oliveira Martins. A historia do sr. Pinheiro Chagas é exclusivamente de vulgarisação, á maneira de Henri Martin, e tendo por base os processos de exposição e methodo, e os elementos sobre nós colhidos por um grande admirador de Portugal, Ferdinand Denis, da geração de Thierry, de Edgard Quinet e de Michelet, que foi conservador da bibliotheca parisiense de Sainte-Geneviève, e o amigo intimo de Garrett, de Herculano, e dos illustres exilados do nosso periodo liberal. De todos os trabalhos historicos do sr. Pinheiro Chagas, ha um que o Leitor talvez não possua, nem d'elle tenha ouvido fallar, mas que, se pertencesse á França, á Allemanha ou á Inglaterra, andaria nas mãos de todas as creanças e da gente do povo. É o unico resumo completo, elevado, e de leitura facil, pittoresca e attrahente que conheço da historia do meu paiz. Refiro-me á *Historia alegre de Portugal*, que só desleixo vergonhoso ou ignorancia imperdoavel dos que teem a seu cargo olhar pela educação da mocidade, é que faz com que esse livro não seja leitura obrigada de todas as escolas primarias, e d'elle não haja edições de luxo illustradas, para premios n'essas mesmas escolas e nos collegios, e para brindes ás creanças por occasião do Natal e da Paschoa.

Apesar de correr o risco de poder ferir certas vaidades ou susceptibilidades de demasiado amor-proprio, não

posso deixar de affirmar que hoje em dia, em Portugal, no jornalismo militante, só ha dois grandes jornalistas — o sr. Marianno de Carvalho e o sr. Pinheiro Chagas, differençando-se porém, um do outro, por este facto: que o sr. Marianno de Carvalho veio da *sciencia* para o jornalismo, e o sr. Pinheiro Chagas veio da *litteratura;* — mas encontrando-se ambos, de tempos a tempos, n'um mesmo ponto, que é quando no ataque teem de usar do humorismo e da ironia que parece terem bebido na mesma fonte, onde dessedentaram o espirito aquelles a quem em França chamam «os netos de Voltaire.»

— «Que são todos os artigos de jornaes?... exclamava um di Emile de Girardin. Simples grãos de areia d'um turbilhão que é abatido pelo mesmo vento que o ergueu... O verdadeiro nome da imprensa, não é, meus amigos, imprensa: é esquecimento! Quem se lembra no dia seguinte do artigo da vespera?...»

Quem se lembra hoje dos brilhantes artigos da *Discussão*, dos centos, dos milhares de artigos escriptos para o antigo *Diario da Manhã*, para o actual *Correio da Manhã* e para diversos jornaes do Brazil, — distinguindo-se todos pela elevação, pela *verve*, e pelo encanto d'uma fórma sempre litteraria e sempre seductora?... Quem se lembra hoje d'esses grãos de areia ainda hontem erguidos ao ar no torvelinho dos acontecimentos, quer politicos, quer litterarios, e que brilharam um instante com vivas e finissimas scintillações, como se fôra um turbilhão de diamantes?... Quem se lembra de tudo quanto tem sido traçado pela penna prodigiosa d'este eminente publicista?...

É que a imprensa não se chama imprensa: o seu verdadeiro nome é esquecimento; e certa gente passa a vida de cocoras, extatica e muda, na ridicula pasmaceira d'um volume de 300 paginas que um auctor levou dez annos a escrever, a burilar, a martelar e a tornar complicado, torturado e exotico, sem olhos para ver que é bem mais digno de admiração o talento creador e fecundo que, dia a dia, hora a hora, descobre um assumpto com que nos esclarece, orienta, ou maravilha.

Outra feição do seu talento e que eu expressamente reservei para o fim d'este artigo que de modo algum quer ter a pretenção de ser uma biographia, porque a biographia do sr. Pinheiro Chagas quem a fizer terá muito que folhear, ler e estudar, para bem sentir, comprehender e poder fallar das suas variadas e eminentes qualidades intellectuaes, — é a sua feição oratoria. Parece-me ser a mais caracteristica, a mais pessoal, porque não se é orador como se é engenheiro, ao cabo de annos de estudo e de pratica. Nasce-se ou não se nasce orador, — apesar de Quintiliano, no seu tratado *de Institutione oratoria*, ensinar o modo como desde o berço se preparam meninos para Ciceros e Demosthenes, começando por se lhes dar uma ama cuja linguagem deve ser pura e correcta.

Não creio que os paes do sr. Pinheiro Chagas lhe tivessem escolhido para ama, a ama ideal de Quintiliano, nem tão pouco lhe tivessem desde os mais verdes annos ensinado a trilhar pelos caminhos que conduzem á grande Eloquencia ciceronica ou demosthenica. Pois apesar da falta d'estes primarios cuidados oratorios, que os rhetoricos romanos do seculo VII consideravam como indispensaveis para que Roma nunca tivesse falta de bons oradores, — o sr. Pinheiro Chagas não deixou de revelar o seu temperamento de verdadeiro orador latino, quente, imaginoso, opulento e apaixonado, conhecendo todos os segredos e todos os artificios da maravilhosa eloquencia que sabe seduzir e convencer, servida por uma palavra cantante, vibrante e vigorosa, propria para empolgar e arrastar multidões.

Ha poucos mezes ainda, o sr. Pinheiro Chagas submetteu-se a uma prova a que poucos oradores resistiriam — quando acceitou o convite do Governo, para ir representar *officialmente* o nosso paiz nas grandes solemnidades do centenario de Christovam Colombo. O sr. Pinheiro Chagas foi expressamente a Hespanha, a esse paiz acostumado a ouvir a palavra de Castellar, a essa Hespanha onde a rhetorica ainda conta admiraveis cultores, onde parece que ha quem possua o segredo da famosa eloquencia dos gregos e dos romanos, — e foi ali expressamente... para fallar em publico!... E voltou de Hespanha, triumphante, applaudido pelos seus oradores, pelas suas academias, pelos seus congressos, pelos seus jornaes, deixando no paiz visinho uma luminosa impressão de maravilha e de encanto.

Quando penso no sr. Pinheiro Chagas como orador, quizera vel-o n'um periodo de grandes luctas politicas, — que o povo tivesse necessidade de appellar para a eloquencia dos seus tribunos, para que estes lhe mostrassem o caminho do Bem e do Dever. Só assim o seu talento oratorio, hoje inteiramente academico, poderia attingir o maior grau de perfeição.

Os periodos de decadencia, de ignorancia ou de indifferentismo d'um povo, como este que atravessamos, não são os mais proprios para vermos erguer-se á sua verdadeira altura, espiritos como o do illustre jornalista e parlamentar. Emfim... no meio d'estes portuguezes que, no dizer de Julio Cesar Machado, só querem ser empregados publicos e não ir á repartição, — não ser empregado publico, viver exclusivamente dos fructos do seu talento, e ter ainda por cima conquistado um logar proeminente entre os contemporaneos — parece-me prodigio digno de ser registado...

Quanto ao dessorado paiz que tal homem possue, só tem uma cousa a fazer — veneral-o, procurando ao mesmo tempo imitar-lhe as qualidades e as virtudes.

MARIANO PINA.

No proximo numero o medalhão do sr. Visconde de Chancelleiros. Artigo de Thomaz Ribeiro.

POLITICA SEM POLITICA

No momento em que ha indignações apopleticas porque o sr. Conde de Burnay, que é cidadão portuguez, nascido em Portugal, e com alguns serviços ao paiz, que o governo lhe tem consagrado, com mais de um testemunho honroso, foi eleito deputado — o sr. Conde de Reilhac, estrangeiro indubitavel, e indubitavel diffamador de Portugal, por meio de cartazes muráes, vehiculos annunciantes, homens-sandwich, e outras imaginosas creações da phantasia nunciatoria, — o sr. Conde de Reilhac, sem o menor reparo dos féros patriotas, descendentes em linha recta de Fuas Roupinho, e, algumas gerações mais atraz, de Adão e Eva — o sr. Conde de Reilhac, confundindo o digno presidente da camara dos deputados com o sr. Conselheiro Guilhermino de Barros, director geral da posta portugueza encarrega-o de remetter, em subscripto fechado, qualquer cousa, á commissão de inquerito, por seu esforço já promovida.

Ora a *Carta Constitucional*, tratando das regalias dos cidadãos portuguezes, concede-lhe, entre outras, que fazem a nossa felicidade, a que consta do seguinte paragrapho:

«*Art, 145.* § *28.* Todo o cidadão poderá apresentar por escripto ao poder legistativo reclamações, queixas ou petições.»

O hyper cidadão portuguez, Conde de Reilhac, faz mais: apresenta a sua correspondencia fechada ao Presidente da camara dos deputados para que a entregue no seu destino.

Muito se lhe deve agradecer, ainda assim, de não encarregar os nossos Poderes Publicos, de lhe virem entregar a domicilio as suas cartas de namoro.

Impoliticus.

A morte de Jeannette!

Como o vapôr de Cacilhas só largasse da ponte d'ahi a vinte minutos, entrei no café *Gibraltar* para tomar um refresco.

Áquella hora — duas horas e meia da tarde, com um sol ardente e um calor asphixiante — o café estava quasi deserto. Os criados dormitavam ao fundo encostados ás prateleiras, e a uma das mesas estava sentado um unico freguez, um homem velho, de barbas brancas, todo vestido de luto, procurando com visivel interesse um annuncio qualquer na quarta pagina do *Figaro* chegado n'aquelle mesmo dia.

Ao cabo de alguns minutos, o homem ergueu a cabeça e olhou para mim indifferentemente. Encarei n'elle, porque me não pareceu de todo desconhecido. Só passado algum tempo, porém, é que me accudiu á remeniscencia que aquelle homem era o meu velho amigo Pièrre Langremond, que, ha perto de vinte annos, fôra empreiteiro n'um lanço da estrada do caminho de ferro do Minho.

Chamavam lhe em Famalicão o D. Pièrre, porque entendia a gente da terra que, sendo elle estrangeiro, não podia deixar de ter *Dom*, como os hespanhoes.

Era D. Pièrre muito estimado, por ser prazenteiro, bondoso, tratar com brandura os trabalhadores, e, sobretudo, por ser amigo do parocho e ir todos os domingos á missa! Um francez ir á missa, imaginem! E era o que pasmava a gente do sitio! Ser D. Pièrre francez, e não ser um *jacobino!*

Quando terminaram os trabalhos, e D. Pièrre partiu, foi como se d'ali se ausentasse um natural da terra.

Conheci D. Pièrre durante umas férias grandes de estudante.

Levantei-me um dia mais cedo, e fui dar um largo passeio até ás obras da ponte da Trofa. Para chegar mais depressa, em vez de tomar pela estrada real, metti a eito pelos carreiros que seguiam rente dos milharaes. Para quem,

FOLHETIM

CONGRATULATIO CANUM

Elysia ad rura illa exangues trahimur omnes
Qui manducarunt bollos, virosaque crusta
Non oleo viridi mox latoque ore remittunt.
Ad compranda cadavera nostra as sufficit unus;
Pingadusque canum gatus, quam vilior ullo,
Carnifici terrore pavens moesta effugit antra.

Flagitium foedum illic fatum denique ferre
Nos jubet, et flammis nostrum evanescere corpus.
Quis miseros aperit, et viscera tirat ab imo,
Frossuras religat spurco cum sanguine mixtas,
Molhaque ferro triparum pendurat acuto.
Quis dextra prendens longum horribilemque faconem,
Matura ut si deglubisset pollice poma,
Extirpat manga arregaçata carnibus ossa.

THOMAZ DE CARVALHO.

(Conclue).

FOLHETIM

CONGRATULATIO CANUM

Vamos a elysio taes quantos o bolo perde;
e a codea venenosa o prompto ageita verde
da profunda goella a vomitar não val.
Cada cadaver custa apenas um real;
e, extremo vil, dos cães o vil gato pingado
foge de horror tranzido, este antro malfadado...

Quer a sorte afinal que ahi nos vá ferir
flagicio abjecto e o fogo os corpos consumir;
um o ventre nos abre, e arranca a entranha extincta
liga a frossura gorda em porco sangue tincta
e das tripas o molho impende ao prego então;
outro na dextra empunha o longo atroz facão
e, qûal pellando á unha as fructas e os caroços,
de manga arregaçada esbruga a carne aos ossos.

(Conclue).

como eu, não tinha o habito de percorrer aquelles caminhos, chegava a ser penoso ter de passar por atalhos pedregosos, atravessar os portellos das bouças, saltar as barrocas, trepar a muros toscos de rebos! Mas, uma vez mettido n'aquella empreza, mal parecia retroceder! Continuei. Tinha caminhado cerca de uma legua — e tal era a estafa, que já me pareciam tres! — quando, ao sahir de um campo de milho espigado, me encontrei n'um souto. Aproveitei a sombra dos castanheiros, e deitei-me no chão a descansar um pouco. Era uma verdadeira delicia!

Não sei quanto tempo estive no meio d'aquelle religioso silencio, quebrado apenas pelo brando ciciar da folhagem, quando, de repente, me chegaram aos ouvidos os sons de uma valsa de Metra — *La vague* — tocada n'um piano! Pareceu-me a principio a illusão d'um sonho! Ergui-me do chão, e, observando de que lado partia a muzica, caminhei para lá. Ao sahir do souto, deparou-se-me, edificada na clareira d'um pinhal, uma elegante e pittoresca habitação feita de tijollos, de um só andar, com duas janellas de peitoril com gelosias verdes e uma trepadeira toda florida a subir pelo cunhal. Era a verdadeira *maisonnette aux volets verts*, que tanto encantava Rousseau! Estavam as gelosias abertas, e viam-se os cortinados de *cretone* côr de palha salpicado de florinhas côr de rosa, no gosto Pompadour. E era d'entre esses cortinados claros que partia para aquella melancholica solidão de um pinhal o som lento e compassado de uma valsa de Metra! Era de ficar attonito!

Terminada a valsa no piano, assomou á janella o busto de uma encantadora rapariga, de cabellos muito louros e olhos azues. Tomada de surpreza, ao dar com os olhos em mim, enrubresceu e retrahiu-se um pouco, espreitando ainda por detraz dos cortinados. D'ahi a pouco veio á janella o pae, que era o D. Pièrre. O francez, que já então me conhecia, offereceu-me amavelmente a sua casa para descansar. Acceitei o convite, levado mais pela curiosidade de vêr de perto a filha do que pela necessidade de repousar da fadiga. Chamava-se ella Jeannette, e tão linda, tão esbelta, tão graciosa, que era um encanto contemplal-a, assistindo á nossa conversa, reclinada com meiguice sobre o hombro do pae, e sorrindo, com os seus bellos olhos azues fitos nos meus.

Offereceu-me D. Pièrre d'almoçar com elle e com a filha, e contou-me, durante o almoço, a sua vida. Viera de França a Hespanha e de Hespanha a Portugal para tomar d'empreitada uma parte da exploração de algumas linhas do caminho de ferro. A mulher morrera-lhe havia oito annos, deixando-lhe aquella unica filha, que o acompanhava para toda a parte, e que era todo o seu enlevo n'este mundo.

— A minha Jeannette! — dizia elle, reclinando a cabeça para traz, e olhando-a com uma expressão de incomparavel ternura — É a *Blanche* d'este pobre *Triboulet!*

A ambição de D. Pièrre era accumular alguma fortuna com que podesse construir n'um arrabalde de Paris uma modesta vivenda, com jardim, e ali passar tranquillamente o resto da vida ao lado da filha.

Desde aquelle dia, todas as manhãs ia eu visitar D. Pièrre. Até o caminho, que da primeira vez me pareceu tão aspero, me parecia agora mais suave, tal era a anciedade de ir vêr a Jeannette! Ah! os deliciosos momentos que ali passei no escriptorio do empreiteiro, vendo-o debruçado sobre uma larga mesa de pinho a traçar pacientemente os planos da estrada, emquanto a filha bordava, sentada ao meu lado, junto da janella! Os bellos passeios, á tardinha, pelo pinhal fóra, até ás obras da ponte! As saudosas noites de luar que todos tres passavamos sentados á beira da estrada, conversando eu com D. Pièrre, emquanto Jeannette, fitando o céo estrellado de agosto, cantava umas tristes romanças francezas, n'uma voz tremula e muito intima, como se receiasse perturbar o silencio augusto d'aquella infinda solidão dos campos!...

Terminadas as férias, tive que partir. Que dolorosa separação a nossa! Quando a mala-posta passou em frente da casa de D. Pièrre, tinha Jeannette subido a um pequeno outeiro, que dominava um grande lanço da estrada. E ali a vi, de pé, seguindo-me com o olhar maguado, e erguendo na mão o seu lencinho branco, que ainda de longe avistei, a tremer, no fundo verde do pinhal, como o aceno de um saudoso adeus!

Quando voltei a Famalicão nas ferias do Natal, a Jeannette estava muito doente. Fôra accommettida de uma febre typhoide; e, com tal gravidade, que os medicos da villa tinham perdido de todo a esperança de a salvar!

Tres dias depois da minha chegada, n'uma tarde em que os ultimos raios do sol poente illuminavam as janellas da habitação do empreiteiro, expirava a Jeannette, a linda Jeannette, reclinando docemente a cabeça d'encontro ao peito angustiado do pae.

No dia seguinte, antes de cahir a noite, fez-se o enterro, com acompanhamento de toda a gente da aldeia. D. Pièrre, todo vestido de preto, seguia o caixão da filha a chorar e a soluçar; e, n'aquelle triste e vasto silencio dos campos, por entre o latim do padre, que ia de sobrepeliz branca e estola preta a resar a meia voz, ouvia-se, de quando em quando, esta lamentação do desgraçado D. Pièrre:

— *Ma pauvre Jeannette! Ma chere enfant!*

E ainda a gente do sitio, ao assistir á dôr cruciante d'aquelle attribulado coração de pae e á piedade com que elle, todos os dias, ia ajoelhar no cemiterio sobre o tumulo da filha, observava, com sincera e respeitosa commiseração:

— É francez, é; mas bem se vê que não é jacobino!

Disseram-me depois que nunca mais D. Pièrre tivera um momento de alegria! Antes de partir de Portugal, fez transportar os restos mortaes da filha para França. E nunca mais ninguem tornou a ouvir fallar d'elle!

*
* *

Reconheceu-me agora o D. Pièrre, quando ha poucos dias o encontrei, velho, triste e abatido, no café *Gibraltar*. Tinha chegado do Brazil, onde concluira a sua ultima empreitada. N'essa mesma noite devia partir para França, a fim de comprar uma modesta casa em Auteuil, e poder ir todos os dias ao cemiterio, lançar por suas mãos algumas flores sobre o jazigo da sua Jeannette.

— Estou tão velho, tão ralado de desgostos, tão cansado de trabalhar, que dentro em breve espero ir repousar ao lado da minha Jeannette!

E, apesar de haverem decorrido quasi vinte annos depois da morte da filha, ainda a ferida do coração d'aquelle pae se conservava aberta, e ainda dos seus olhos magoados se não haviam estancado as lagrimas!

— *Ma pauvre Jeannette!* — exclamava elle a chorar — *Ma chère enfant!*

GRAZIEL.

CHRONICA ELEGANTE

Para o chronista dos acontecimentos semanaes da nossa sociedade elegante chegou o mez da crise. Findaram já as festas nos salões da cidade, e não principiaram ainda as do campo.

Assim como o outro affirmava que não podia fazer *un civet sans avoir un lièvre*, não póde um chronista fazer uma chronica de um baile, se nos salões da sociedade não tiver havido um baile.

Suas Magestades, que hontem partiram para Beja a fim de assistir ás festas religiosas do *Corpus Christi*, tendo para regalo dos olhos o desfilar de uma longa e apparatosa procissão de provincia e para regalo dos ouvidos dois ou tres sermões de prégadores ruraes, tencionam, poucos dias depois do seu regresso, ir habitar o castello real da Pena, onde passarão os mezes do estio.

É só então que Cintra principiará a animar-se, que começarão a ser habitadas as *vilas* e os hoteis, que sob a espessa folhagem dos castanheiros, que dão sombra á estrada de Seteaes, principiarão a rodar algumas carruagens elegantes e a passar os grupos dos forasteiros alegres.

Projectam-se este verão diversas festas, e alem dos *pic-nics* na praia das Maçãs e no convento dos Capuchos, além dos *raouts* habituaes em algumas salas, e dos longos passeios a pé, em serenas noites de luar, até ao castello dos mouros, fala-se já em recitas de amadores, devendo o cothurno symbolico da scena ser calçado por graciosos e delicados pésinhos, que disputariam a *Cendrillon* o mimoso chapim de crystal.

Mas desde que se concebem até que se realisem esses projectos, a sociedade permanece na mais absoluta apathia, causando assim o desespero de quem procure assumpto para escrever uma chronica.

D'esta vez, posso eu considerar corrida a lebre; mas receio que não possa guizar o *civet*, se ella me faltar na proxima semana.

GRAZIEL.

MODAS

A fazenda mais á moda esta estação é a grenadine de seda, com ramos de côr estampados.

Forram-se estes vestidos de seda ligeira e enfeitam-se pouco: apenas com alguns vidrilhos ou fitas de côres. Apontâmos a moda, mas receiosos que a maior parte das nossas leitoras não possam aproveitar-se d'ella, visto ser tão elevado o preço d'esta fazenda em Lisboa, que poucas são as lojas que as podem ter, attendendo aos excessivos direitos que pagam.

O *crèpon* continúa a ser muito empregado, e actualmente é todo de seda, mas apezar d'isso, não é de preço exaggerado.

Em quanto a fazendas para *toilettes* de jantar estão apparecendo muito os *moires antiques* com salpicos consoantes ao fundo da seda.

Enfeitam-se as saias com ruches de fita de setim, e é bom saber que longe de augmentar a largura das saias, ha tendencia pelo contrario, em as diminuir. Vae-se percebendo que a saia com excessiva roda não fica bem a todas as senhoras, e quando a puzerem completamente de banda, haverá um grito unisono de reconhecimento.

Esta estação não apresenta nenhuma côr predominante, todas se usam; preferem-se em geral as claras, e continúa a mania de combinar côres mais ou menos harmoniosamente.

Continuam a usar-se muito as capas, mais as curtas do que as compridas, e quasi todas com gollas e bofes de renda. A renda é o idolo da actualidade, e ha imitações tão perfeitas que apesar da nossa prevenção contra tudo que é imitação, não podemos deixar de reconhecer a superioridade d'esta manufactura.

Mas para que havemos de comprar renda estrangeira de tear, quando vimos agora o que já temos em renda de bilros, feita no nosso Portugal?

Aproveitemos o ensejo que não é muito frequente, de proteger a arte nacional, seguindo o exemplo da nossa soberana, que sempre encontramos á frente do que póde dar honra e proveito a Portugal, animando com o seu intelligente criterio, abrindo a bolsa com a sua nunca desmentida generosidade.

GIL-BERTA

Anniversarios da semana

Domingo 4 — As sr.as: D. Ermelinda Sandeman, D. Sophia Adelaide de Castilho, D. Julia da Silveira Pinto de Castilho, D. Emilia de Moraes Sarmento.

E os srs.: D. Manuel Maria de Noronha, Manuel d'Almeida Vasconcellos (Lapa), João de Mello (Pombeiro da Riba de Vizella), Carlos Adolpho Sauvinet, Joaquim Gaspar Pinheiro d'Almeida Camara Manuel.

Segunda-feira 5 — As sr.as: D. Maria do Carmo Pereira Basto (Bessone), D. Maria Amelia Biester, D. Maria José d'Oliveira Martins, D. Maria Luiza de Gusmão Pereira Coutinho.

E os srs.: D. Simão de Sousa Coutinho (Redondo), Commendador João Caetano d'Almeida, Dr. João Carlos de Botelho Moniz, Manuel Croft de Moura, Julio Mardel.

Terça-feira 6 — As sr.as: D. Maria Anna Izabel Coutinho Pereira de Seabra (Bahia), D. Maria das Dôres da Silva Campos, D. Izabel Maria de Castro Monteiro, D. Amalia Simões dos Santos e Silva, D. Elisa Pimentel Pinto.

E os srs.: Carlos Folque Possolo, Alberto de Vilhena de Moraes de Carvalho, Luiz d'Araujo.

Quarta-feira 7 — As sr.as: D. Felisbella de Vasconcellos Kopke, D. Maria da Luz Brito, D. Adelaide Duarte de Sousa Oliveira Brandão, D. Mathilde Sequeira de Sousa Feio.

E os srs.: Barão de Cercal, Barão de Alvaiazere (Miguel), Pedro Roberto Dias da Silva, Adriano Pimenta da Gama.

Quinta-feira 8 — As sr.as: D. Amelia da Conceição Graça, D. America Guimarães da Silva, D. Virginia da Gloria Pimentel.

E os srs.: Francisco Gago da Costa, Julio Alvaro de Sequeira, Antonio Tavares da Cunha, Abilio Pinto da Fonseca.

Sexta-feira 9 — As sr.as: D. Marianna d'Almeida Portugal Soares d'Alarcão (Lavradio), D. Maria de Mesquita Paiva Pinto (Foz d'Arouce), D. Guilhermina Pereira Machado da Cunha Lima, D. Maria Angelica de Sodré Pereira.

E os srs.: Conde do Covo, José Rodrigues de Faria, Luiz Berquó.

Sabbado 10 — As sr.as: D. Adelina Melania Vieira de Mendonça (Abrigada), D. Marianna de Sousa Machado de Oliveira, D. Maria do Carmo Barata Tovar Pereira Coutinho d'Alpoim, D. Maria Correia de Bastos Pina, D. Virginia Augusta d'Assumpção Vargas.

E os srs.: Conde de Mozer, Antonio Pedro de Sousa Coutinho, Jacintho dos Santos Silva, Coronel Gusmão Calheiros, José Justino Teixeira Bastos, Antonio Pedroso de Sousa Coutinho.

EPHEMERIDES SEMANAES

28 — S. M. a Rainha assiste na sala do risco á distribuição de premios ás creanças dos asylos da infancia desvalida, partindo depois para Carnaxide a assistir á festa de Nossa Senhora da Rocha.

29 — A commissão de verificação de poderes apresenta á camara dos deputados dois pareceres diversos ácerca da eleição do sr. Conde de Burnay por Thomar.

30 — Despedida da cantora Tarquini d'Or, em S. Carlos.

31 — É approvado pela camara dos deputados o tratado de commercio com a Hespanha.

— Reapparição do barytono Devoyod em S. Carlos.

— Passa em Lisboa, em viagem para o Rio de Janeiro, a grande actriz Sarah Bernhardt.

1 — Realisa-se a procissão de *Corpus Christi*, com a assistencia de SS. MM.

— Falleceu o notavel pintor Silva Porto.

3 — SS. MM. partem para Beja, a assistir ás festas do Sacramento.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

Realisou-se hontem a recita de despedida da companhia de opera comica franceza, que, durante um mez, deu vinte representações.

Pelas apreciações que a imprensa fez da companhia e pelos applausos dos espectadores, viu-se que os artistas francezes, salvo alguns que se encarregaram de papeis mais insignificantes, eram todos dignos de elogios, não só pela maneira correcta porque cantavam, mas principalmente pelo modo como interpretavam os diversos papeis, dando todo o relevo á personagem do drama. E merecem uma especial menção Madame Tarquini d'Or, que fez a *Carmen* e a *Mignon* com uma superioridade incontestavel ás artistas italianas que no nosso theatro lyrico teem cantado as duas operas, o baixo Darnaud, que, desde a primeira noite, revellou um artista irreprehensivel e o tenor Daurubert, que teve ensejo de repetidas vezes ser enthusiasticamente victoriado.

Nas trez ultimas recitas apresentou-se, depois de dez annos de ausencia do nosso palco lyrico o famoso barytono Devoyod, cantando no *Fausto* a parte de *Valentim*.

Os *habitués* de S. Carlos ainda conservavam na memoria a impressão das noites em que este grande artista cantava o *Rei de Lahore*, os *Huguenotes*, o *Fausto* e o *D. Carlos*. Não foi por isso uma surpreza, quando no primeiro e no terceiro acto do *Fausto*, Devoyod conseguiu enthusiasmar o publico, que lhe fez uma delirante ovação, chamando-o repetidas vezes ao proscenio. Os dez annos que decorreram, desde a ultima vez que Devoyod cantou entre nós, em nada modificaram o seu valôr d'artista. A voz conserva o mesmo brilho e a mesma intensidade, e no jogo de scena é elle ainda o actor correcto e intelligente, encarnando perfeitamente a personagem, e accentuando todas as cambiantes de paixão na expressão da physionomia e na gesticulação.

Foi hontem, como dissemos, a ultima recita da comapnhia, que hoje parte para Paris.

A associação 24 de Julho que tomou a empreza, além do sacrificio de todas as noites constituir a orchesta, sem d'esse trabalho colher o menor resultado, soffreu um grande prejuiso. E é este facto lamentavel, principalmente porque merecendo a companhia, pela superioridade dos seus artistas e pela selecção do reportorio, a concorrencia e auxilio do publico, rara foi a recita em que o producto das entradas cobrisse as despezas da representação.

Por aqui se vê que a frequencia ao nosso theatro lyrico, nas noites de inverno, significa mais uma obediencia á moda do que o gosto pela bôa musica.

Gymnasio

A companhia hespanhola de declamação tem continuado a representar n'este theatro.

Os artistas são todas as noites muito applaudidos; mas nota-se que ha vinte cadeiras da plateia á disposição de cada espectador, e nos camarotes tem o publico brilhado... pela ausencia.

*

Trindade

É no dia 5 que se realisa a festa artistica de Mercedes Blasco.

O theatro será adornado com festões de verdura, e nos camarotes, balcão e plateia assistirá a nossa sociedade mais elegante.

Mercedes Blasco cantará n'essa noite algumas *chansonnettes* francezas, que lhe hão merecer sem duvida os applausos dos seus muitos admiradores.

*

Colyseu dos Recreios

A companhia de opereta italiana é que tem attrahido maior concorrencia. A familia Tani continua a ser muito applaudida.

*

Real Colyseu

A *feira de Sevilha*, com flamencas, manzanilla, jaleo, sevilhana e novilhos, tem sido o gaudio dos espectadores d'este circo.

*

Nos outros theatros continuaram os espectaculos já conhecidos.

*

Praça de touros

A corrida de hoje deve ser muito concorrida, porque alem de ser a festa artistica do estimado cavalleiro Manuel Casimiro d'Almeida, tomam parte os seus collegas Alfredo Tinoco e Fernando d'Oliveira.

Trabalham os melhores bandarilheiros portuguezes.

Lobito é o espada da tarde.

O grupo de forcados é de amadores, sob a direcção de Lisboa Perdigão.

Os touros são do acreditado *ganadero* sr. conde de Sobral, que ainda o anno passado deu o melhor curro.

A Manuel Casimiro, pela sua distincção e pelo seu arrojo, auguramos-lhe uma festa brilhantissima.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio**. **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1